

## O LUGAR DO GRUPO DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ionice da Silva Debus  
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM  
nicedebus@hotmail.com

Marília Regina Hartmann  
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM  
mariliahbr@yahoo.com.br

Valeska Fortes de Oliveira  
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM  
guiza@terra.com.br

Apresentando a pesquisa...

Um grupo é “todo aquele conjunto de pessoas capazes de se reconhecer em sua singularidade e que estão exercendo uma ação interativa com objetivos compartilhados” (OSORIO, 2003, p.57). No momento em que várias pessoas se reúnem dispostas a interagirem na busca de objetivos comuns são constituídos os “sistemas humanos” (ibid, p.57), um exemplo disso é o grupo que por ora nos propomos a estudar. Indo de encontro com Osório, Souto trás que:

“El grupo marca relaciones de igualdad en la distribución y en la distancia entre los miembros. Señala también las relaciones mutuas, las interacciones, la mirada entre las personas que lo constituyen. Muestra también el anudamiento (nudo que enlaza, que liga y también que obtura).” (Souto et al.,1999)

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social – GEPEIS – vem ao longo dos últimos dezesseis anos trabalhando com pesquisa, ensino e extensão na área de Formação de Professores, alicerçado no campo teórico do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis. Participam deste grupo alunos colaboradores e bolsistas de iniciação científica da graduação, mestrandos, doutorandos e professores de escolas da rede municipal e estadual e de distintas instituições de ensino superior.

Percebendo a continuidade da formação profissional das pessoas que passaram pelo grupo, este projeto tem por objetivo conhecer as possibilidades de pensar o grupo como um dispositivo de formação, identificar os saberes e as representações construídas pelas pessoas que compartilham a experiência da produção coletiva em um grupo de estudos e pesquisas e contribuir para a sustentação de alternativas teóricas no campo da formação de professores. Assim, configura-se o projeto: *O grupo como dispositivo de formação de professores.*

A partir disso, nos remetemos a questões investigativas: O grupo pode ser pensado como um dispositivo de formação? Que saberes e representações são produzidos nos sujeitos que compartilham um espaço coletivo de produção? Quais são os movimentos de produção de sentidos experienciados pelas pessoas que vêm compartilhando um espaço de aprendizagens grupais?

O trabalho de formação de professores na perspectiva de grupos necessita da participação dos envolvidos nesse processo. Como aponta Souto (2007a) com quem compartilhamos:

[...] el grupo de formación como espacio vincular tiene especial relevancia. (...) Las formaciones grupales son vinculares, surgen en espacios transicionales y de intermediación entre las culturas institucionales y lo individual y actúan como transmisores intergeneracionales. Son formaciones que combinan componentes imaginários y simbólicos.

Dispositivo grupal é algo que se cria com uma necessidade dos indivíduos a partir das significações que estão a nível consciente e também inconsciente dos participantes do grupo. Utilizamos das palavras de Souto (2007b) que tem “caracterizado al dispositivo como un espacio estratégico y táctico que es revelador de significados, analizador de situaciones, provocador de aprendizajes y nuevas formas de relación y organizador de transformaciones”.

Assim, nos propomos a olhar o grupo como um espaço formativo, investigar de que forma se constitui como um dispositivo, quais são suas características e aprendizagens proporcionadas aos participantes. Nesta busca, utilizamos a memória, as histórias de vida e as trajetórias discentes e docentes dos sujeitos envolvidos na pesquisa a fim de olhar a formação de professores nesta nova perspectiva.

O caminho percorrido...

A pesquisa que ora apresentamos, é de cunho qualitativo e está dividida em duas dimensões: uma bibliográfica e outra empírica. Na primeira, realizamos aprofundamento dos estudos sobre grupos na perspectiva de Marta Souto, Luiz Carlos Osório e Áurea Castilho; imaginário e representações utilizando Cornelius Castoriadis, Nilda Ferreira, Marisa Eizirik e Valeska Oliveira, bem como a formação de professores, memória e trajetória usando Silvia Isaia, Maria Isabel da Cunha, Portelli e Valeska Oliveira.

Buscamos através das trajetórias de formação conhecer as aprendizagens, as significações imaginárias e a possibilidade de ver o grupo de pesquisa como um dispositivo de formação. Trajetória de formação que, para nós, consiste em:

Percurso construído na inter-relação das dimensões pessoal e profissional, ao longo do qual o professor se reconhece, formando-se e transformando-se em interação com grupos que lhe são significativos, sejam estes formados por colegas, alunos ou demais integrantes da comunidade educativa. (CUNHA; ISAIA, 2006, p. 368)

Neste percurso, percebemos a memória como organizadora, desveladora e (re) significadora de vivências, capaz de transmutá-las em novas subjetividades e contribuindo para uma nova perspectiva da formação de professores. Desta forma, concordamos com Portelli (1997) quando este fala que a memória ocorre em um meio social dinâmico, utilizando instrumentos socialmente criados e compartilhados, sendo este um processo individual. Assim, utilizamos o método biográfico, história oral e a fotografia buscando sistematizar imaginários de professores que participaram do grupo de estudos e pesquisas e que hoje atuam em diferentes níveis e espaços de ensino.

A partir disso, iniciamos a coleta de dados efetuando uma pesquisa nas dissertações de mestrado dos participantes do grupo para conhecer os saberes vivificados neste espaço e as marcas impressas nas suas histórias de vida, durante a sua trajetória no grupo.

Foram enviadas fotos de diferentes épocas do grupo ao e-mail do mesmo, para que os participantes escrevessem suas impressões a respeito da imagem. Da mesma forma, os integrantes receberam o símbolo do grupo, o olho, para que discorressem sobre o significado deste, para si. A busca pelos sentidos dados às imagens nos remete às significações imaginárias das pessoas que compartilham deste espaço grupal. Segundo Ferreira; Eizirik (1994, p. 7):

Neles aparecem crenças e fantasias, desejos e necessidades, sonhos e interesses, raciocínios e intuições: uma gama de elementos fundantes do processo de simbolização. (...) ele institui, histórica e culturalmente, o conjunto das interpretações, das experiências individuais, vividas e construídas coletivamente.

Uma das etapas da coleta de dados são as entrevistas orais semi-estruturadas, realizadas com participantes de diferentes épocas do grupo de pesquisa. Essas entrevistas partem de três questionamentos: Como posso descrever minha trajetória no GEPEIS? Que aprendizagens realizo(ei) participando do GEPEIS? Como descreveria este espaço grupal do qual venho participando?

O grupo pesquisado vem auxiliando na formação de professores há alguns anos, em virtude disso, alguns dos participantes trabalham e residem em diferentes cidades do país. Para estes integrantes, foi enviada uma proposta de escrita sobre o grupo a partir das questões citadas acima.

A análise dos dados desta pesquisa tem na hermenêutica um referencial, na qual se busca descobrir o que está por trás, pela frente, entre os conteúdos manifestos (MINAYO, 1994). Esta escolha vem ao encontro de tentarmos nos aproximar dos sentidos e dos significados explicitados nas falas dos participantes. Assim, damos um enfoque especial às experiências vividas no grupo como um dispositivo de formação.

Aproximando as categorias às significações...

Percebemos que o GEPEIS tem como principal característica, mencionada por seus participantes, a diversidade, seja ela de pensamento, de interação ou de saberes. Por ser constituído por pessoas de diferentes áreas do conhecimento, graus de formação e campos de atuação profissional, possibilita uma socialização aos participantes, sendo vista como um “intercâmbio de pensamentos, idéias, sentimentos, emoções e experiências” Castilho (2004, p.64). Essa diversidade pode ser identificada nas falas:

“A definição que eu tenho de Gepeis é de um grupo que consegue se organizar a partir de sua diversidade, diversidade de pensamento, diversidade de interação, e isso acho que se constitui até hoje, todas as gerações que passam pelo grupo tem pessoas com as mais diversas possibilidades.”(Entrevistada G, 2008)

“Olha o olho do GEPEIS  
Olhei e gostei  
Gostei do GEPEIS  
No GEPEIS aprendi também a ver

Vi por outros olhos o que não via pelos meus  
Vi a mim e vi a ti  
Vi os de longe e os de perto  
Vi e vivi  
Olha o olho do Gepeis  
Olhei e gostei...". (Participante R, 2007)

A diversidade, o “vi por outros olhos o que não via pelos meus”, se refere às diversas visões que no grupo se voltam para um mesmo tema, constituindo um novo olhar através desta troca de saberes. Esta idéia vem ao encontro da teoria da Gestalt a qual apresenta que o todo é maior do que a mera soma de suas partes constituintes (OSORIO, 2003, p. 23). A fala abaixo explicita esta afirmativa:

“No GEPEIS discutimos textos sobre docência, memória, História de Vida, Imaginário Social, formação de professores, saberes docentes, entre outros. Estas discussões em grupo, bem como as leituras individuais de referenciais atualizados e diversificados contribuíram enormemente para que eu repensasse e refletisse mais sobre a docência(...)” Dissertação de Mestrado defendida em 2005, por J. P. D.)

Indo ao encontro da idéia de Osorio (2003), e apoiado na fala da participante J.P.D. percebemos em Bleger (1998, p. 76) que:

“O processo de aprendizagem funciona, no grupo, como uma verdadeira maiêutica, não no sentido de que tudo consiste em tirar de cada um o que já tem dentro de si, mas no de que é o grupo que cria seus objetivos e faz suas descobertas através da ativação daquilo que existe em cada ser humano de riqueza e experiência, ainda que pelo simples fato de viver.”

Ativar aquilo que existe no ser humano é uma das possibilidades do trabalho grupal. Esta constitui o grupo como um conjunto de potencialidades que contribui no processo formativo de todos os envolvidos. O GEPEIS corrobora com esta premissa, como aponta a entrevistada G ao relembrar suas relações vividas no grupo pesquisado:

“A gente procura então pegar dessa pessoa tudo aquilo que ela pode contribuir de melhor, digamos que eram menos comunicativos, mas tinham uma habilidade de escrita melhor, tinham outros que eram mais alegres, que trabalhavam muito a parte da dinâmica, de eventos, mas na hora de sentar e fazer relatórios talvez tivessem mais dificuldades, tinham outros que não tinham muita habilidade de fazer uma prestação de contas, que se confundiam com aquele monte de papel. (...) Todos são importantes contribuindo com aquilo que ele tem de melhor.”

O convívio entre os participantes do grupo proporciona a interação, a qual vai além da ordem teórica do grupo, na qual laços afetivos são construídos entre os membros, caracterizando um grupo unido nas questões acadêmicas e também através das relações interpessoais. Conforme a entrevistada T temos acesso a uma das significações construídas sobre o grupo:

“GEPEIS é um grupo afetivo-teórico, teórico-afetivo(...) ele dava suporte teórico para as nossas discussões, para a nossa formação, e ao mesmo tempo, como pouquíssimos colegas eram de Santa Maria na época, ali passou a ser o nosso suporte emocional. Todas nós muito jovens saídas das nossas famílias, meio sozinhas na nova cidade, começando a história, o GEPEIS era esse laço afetivo, esse grupo de apoio”.

De acordo com Castilho (2004, p. 60-61), “o apoio do grupo é o reflexo da necessidade real de se ajudar o outro, de se criar um elo dentro do grupo, ou seja, a busca da interação e da coesão grupal”. Através deste apoio entre os participantes, surge o sentimento de “pertencer a” (Ibid, p. 61) o qual se faz necessário para que o grupo alcance a homeostase.

A homeostase é a busca pelo equilíbrio interno do grupo, sendo este um sistema aberto em contínua interação e movimento. Para a manutenção do sistema, o grupo elabora seus próprios mecanismos de defesa buscando equilibrar os interesses pessoais e coletivos com a influência externa do meio social (CASTILHO, 2004).

A busca pela homogeneidade é repleta de conflitos latentes ou explícitos que fazem parte do sistema humano. As reações grupais surgem como mecanismos de defesa aos conflitos quando o grupo não consegue reequilibrar-se. Percebemos isso na fala abaixo:

“(…) O grupo tem toda essa dinâmica, essa alegria, mas a gente também tinha muitos problemas, e a gente tentava resolvê-los da melhor maneira possível, às vezes falando, às vezes não falando, às vezes dando a entender, mas a gente ia resolvê-los”.(Entrevistada G)

Podemos perceber que, a busca da resolução dos conflitos ocorre dentro do próprio grupo pelos seus integrantes, surgindo assim, as reações grupais como sub-grupos, apoio, saturação, socialização, saída de participantes, entre outras. Em vista disso, a maneira como a participante cita a resolução dos problemas no grupo remete-nos a Osorio (2003, p. 55) quando este diz que, “a saúde comunicacional apóia-se na alternância de situações simétricas e complementares, de tal sorte que igualdades e diferenças possam coabitar e se potencializar mutuamente”.

Nesses momentos de conflitos no grupo, o papel do coordenador consiste em estar atento à dinâmica interna, dando autonomia aos integrantes de resolverem essas perturbações. Como vemos na fala da entrevistada G, “a gente tem pela referência da própria coordenadora, que deixou o grupo livre pra se entender e livre pra se desentender também”.

Outra atribuição dada ao coordenador do grupo está na mediação do processo de aprendizagem dos integrantes. Como apontam os participantes:

A coordenadora abria cenários para essas leituras, mas sempre deixou o olho para o grupo: todos poderiam ver através dele o que quisessem. (Participante T)

Vivíamos numa atmosfera quase mágica, onde apostávamos em nossos sonhos, acreditando em mudanças e proporcionando uma outra forma de construir conhecimento, não levados pela rigidez acadêmica, mas pelo prazer de fazê-lo, pelo prazer das leituras, pelas discussões que ajudavam dar leveza a toda a complexidade que tinha no que líamos, muito disso, estava presente na figura da coordenadora, que conseguia dar esse tom de simplicidade em questões muito complexas. (Participante F)

A autonomia dada aos participantes pelo líder lhe confere um caráter democrático. Com isso o grupo tem a liberdade de se auto-organizar, porém, o coordenador se faz presente como mediador nesse processo. Compartilhamos

com Bleger (1998, p.77), ao falar das aprendizagens do grupo, apontando que seus integrantes

não só aprendem a pensar, como também que a abertura da espiral permite que se aprenda a observar e escutar, a relacionar as próprias opiniões alheias, a admitir que outros pensem de modo diferente e a formular hipóteses em uma tarefa de equipe. Junto com isso, os integrantes do grupo também aprendem a ler e estudar.

No caso específico da pesquisa que estamos realizando sobre grupos, o espaço da universidade tem sido um lugar de formação para os participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social<sup>1</sup>. Um lugar de formação lembrado por integrantes do grupo pelos sentidos e significados que construíram durante uma participação intensa, enquanto realizavam seus cursos de graduação, de mestrado e doutorado.

Mesmo que a noção de grupo tenha se modificado entre os participantes de diferentes épocas, a percepção que conseguimos ter sobre esse lugar de formação, traz diferentes sentidos e significados, tanto individuais, quanto coletivos. A noção de grupo se modifica, disse Anzieu (1978) que o grupo “es una puesta en común de las imágenes interiores y de las angustias de los participantes (p. 131), “lugar de formentación de imágenes” (p.131).

Compartilhando com Souto et al. (1999, p. 155), “Em toda situación de grupo hay una representación imaginaria subyacente”, común a la mayoría de los miembros del grupo”. Estas representações subjacentes são nosso foco de investigação a partir da complexidade do que seja um conjunto de pessoas que tem uma atividade mental comum, que pode se configurar num “grupo de trabalho” ou assumir outro tipo de desenho e característica. Nosso interesse se constrói desde as emoções, as imagens, os desejos que possam explicar o grupo e o dispositivo grupal, entendendo este último como “espacios tácticos” que generan efectos en el grupo. Un grupo inventa sus formaciones, es decir inventa las formas o figuras de sus significaciones imaginarias. (SOUTO et al, 1999, p.142).

No processo de investigação dos trajetos coletivos e individuais do grupo buscamos conhecer os sentidos e significados sobre esse espaço e as aprendizagens nele construídas. A universidade acaba ocupando um lugar de formação pois os participantes,

“que desse processo se beneficiam incorporam as experiências na sua biografia. Portanto faz, também, parte do lugar. Reconhece e valoriza o lugar. Atribui sentidos ao que viveu naquele lugar e passa a percebê-lo como o seu lugar, mesmo quando lá já não habita.”(CUNHA, 2008, p.185)

Os significados da experiência produzida no espaço grupal foi destacada e registrada em projetos e dissertações de mestrado, uma das fontes utilizadas na pesquisa empírica dessa investigação, traz escritas autobiográficas sobre esse espaço / lugar.

Acredito que essa trajetória no GEPEIS, as atividades complementares, os espaços de estudo e de debate referentes à formação de professores, ao imaginário social, à memória docente e

---

<sup>1</sup> O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) é um dos grupos participantes da investigação “O Grupo como Dispositivo de Formação de Professores” apoiada pelo Edital Universal do CNPq e está fisicamente lotado no espaço da Universidade Federal de Santa Maria e virtualmente através de uma página e um e-mail coletivo reunindo os participantes que já estão em outras cidades e outros estados do país.

às Histórias de Vida, bem como a inserção no cotidiano escolar, contribuíram para a confiança e o empenho na realização de um trabalho pedagógico comprometido e na escolha da pesquisa que fiz para o mestrado. As oportunidades e a inserção nas atividades desenvolvidas pelo GEPEIS possibilitaram, além de uma formação profissional, espaços de convívio que ultrapassam o espaço da Universidade, como as festas, tanto em comemoração aos aniversários, aos casamentos, ao início e encerramento das atividades do ano, quanto de integração com os colegas do GEPEIS, que estão em outras cidades e de rememoração da trajetória do Grupo. (Professora N.)

Mesmo não tendo sido aprovada na seleção para o Mestrado em Educação na UFSM em 2002, vim de Santiago para Santa Maria. Começo a integrar também, a partir de 2003, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS). (...)Minha inserção nos grupos de pesquisa acima citados, tem sido fundamentais para que eu possa continuar me formando pessoal e profissionalmente. Através desses grupos posso 'alimentar' minha fome e sede de conhecer, com um saber especial, construído saborosamente. (Professora J.)

Nos dois relatos, extraídos de projetos e de dissertação de mestrado, realizados por professoras participantes do grupo, o registro dos sentidos e significados construídos sobre esse espaço mostra que o mesmo pode se configurar como um lugar de formação docente. Especialmente por se tratar de um grupo que transita, experimenta a dimensão simbólica da educação através dos estudos e debates sobre a dimensão imaginária. É um conhecimento erótico, fusional, uma sociologia acariciante (Mafessoli, 1998), no sentido de perceber o que tem de fantástico e surpreendente, o que tem de banal e fútil nas pessoas. De capturar o que (des)motiva, (e)motiva, (des)mobiliza e o que (des)anima o grupo a estar-junto na produção coletiva. É na convivência, no estar-junto, na relação com o outro, nas reuniões, nos encontros, nos agrupamentos, na efervescência festiva, ou seja, no momento passado com os outros, que se estabelecem os vínculos, um pertencer múltiplo. Trata-se de um processo de identificação viabilizado por uma outra lógica do estar-junto, onde atração, agregação, pertença, partilha, socialização, vínculo, aliança, ligação ao outro, corpo coletivo são palavras-chave.

No espaço acadêmico temos gestado concepções e também temos sido atravessados por demandas externas, muitas vezes, perversas. Quando utilizamos a expressão perversa para expressar um sentimento referimo-nos ao que vem incluído nestas demandas: a instituição na cultura acadêmica da competitividade interna e de afastamento das pessoas que passam, muitas vezes, a se perceberem heterônomas (Castoriadis, 1982), regidas por uma lógica que não lhes pertence e com a qual nem mesmo concordam. Corremos numa velocidade sem medidas, para alimentar uma produção, uma instituição que, se afasta de uma cultura colaborativa e qualitativamente melhorada, e onde o que está em jogo são números de participações, número de apresentações, número de artigos escritos e nem sempre a relevância do que escrevemos. Números que alimentam relatórios, números pelos quais somos avaliados como produtivos, pouco produtivos ou mesmo improdutos.

A formação inicial e continuada de professores e as aprendizagens que podem ser acionadas neste tempo / espaço / lugar da universidade têm sido pensadas para além da sala de aula e da matriz curricular de uma instituição

acadêmica. Tentando pensar qual seria um projeto formativo que desse conta da complexidade e dos desafios do nosso tempo, os debates institucionais também caminham para a proposição de “atividades formativas” pensando-as para além das diferentes disciplinas que compõem um currículo de formação de professores.

A construção de outros sentidos para um espaço / tempo de “experimentação de si” mobiliza-nos a pensar em uma outra proposição no âmbito da linguagem, pois como nos mostra Castoriadis (1982, p.391), “a permeabilidade indeterminada e indefinida entre os mundos de representações dos indivíduos e os significados lingüísticos é condição de existência, de funcionamento e de alteração tanto para uns como para outros.”

Neste movimento que procura instituir outra expressão que poderá carregar outros sentidos, nos propusemos a pensar o grupo como uma vivência grupal, onde nos experimentamos como pesquisadores de si. Espaço de vivência com o sentido aproximado ao que foi definido no dicionário Aurélio (1989, p.677): “1. O fato de ter vida, de viver; existência. 2. Experiência da vida. 3. O que se viveu.”. Na continuidade da definição, temos “vivenciar”, como “viver, sentir ou captar em profundidade.”

Todas estas definições fazem sentido para os espaços / lugares / territórios que viabilizaram as experiências de si através das narrativas orais e escritas e, também, de reconstrução de imagens pretéritas, visíveis nas fotografias guardadas no baú de lembranças do grupo, (res)significadas no trabalho da memória.

As significações imaginárias que cada pessoa havia construído da experiência vivida num grupo de pesquisa, foram reconstruídas, dando visibilidade não somente aos valores das pessoas, quanto das mudanças e deslocamentos de sentidos em práticas e comportamentos individuais e sociais. As significações falam de cada pessoa, mas também do seu tempo (nas dimensões do instituído e instituinte).

Não é nosso desejo nestes espaços de experimentações buscar nos “reconditos” mais obscuros de memória “essencialismos”, “marcas fixas”, experiências modelares idealizadas, mas o movimento que reconstrói e desmitifica, que aciona a criatividade, o autoconhecimento e autodeterminação, ingredientes de imaginários radicais capazes de propor outras formas de vida, de relações consigo / com os outros / com o tempo presente.

O processo de experimentação das pessoas na experiência de grupo, traz além de um “agrupamento temático”, a dimensão criadora, constitutiva e fundamental do imaginário, como potência, como reservatório e motor (Durand, 1997), como fonte propositiva de outras formas de vida, de comportamento, de relacionamento consigo, como os outros e com o ambiente. Podemos pensar no espaço grupal com um lugar aprendente.

Shaller (2008, p. 69), no texto ‘Lugares aprendentes e inteligência coletiva’, pergunta: “Como um lugar pode ser um espaço onde a gente se constitui, um ‘lugar aprendente?’”. Responde que “um lugar, através da atualização das redes de atores que o atravessam é aprendente porque permite deixar marcas do conjunto das relações, das ligações, das associações entre os atores.”

O grupo pensado como um lugar “não é mais dado a priori, como uma ‘matéria-prima’, ele é uma realização, uma produção, uma criação coletiva, um



projeto comum fundador de laço social e ‘recriador de um imaginário social.” (SCHALLER, 2008, p.70).

Estas aprendizagens que se dão no grupo, através dos outros, mas que operam em nós, pessoas com histórias, trajetos de vida distintos e, que se encontram num espaço / lugar, partilhando não somente questões acadêmicas, exigem de nós o desejo do diferente, não como uma atitude ingênua, que desconsidera as redes de poder que circulam, ao contrário, nos movimentam nesse processo de experimentação de si. Aqui se inscreve o acréscimo que fazemos com a questão do dispositivo na formação docente. O dispositivo passa a ser entendido como qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, um movimento onde o sujeito está implicado. Implica consigo, implicando-se a partir dos outros e implicando com os outros. O diferencial que encontro no acréscimo da questão do dispositivo está na inscrição da pessoa no lugar formativo como alguém que se coloca, se experimenta, não participa passivamente, ouvindo teorizações sobre experiências produzidas por outros, mas (re)visita seus repertórios formativos, problematizando-os também na escuta do outro<sup>2</sup> ( Barreiro, 2009).

Acrescento também a questão do diferencial apresentado no dispositivo quando se inscreve no espaço / lugar do grupo a pesquisa-formação-autoformação, produzindo nas pessoas processos que movimentam com “potencialidades inesperadas” (Josso, 2008, p.18).

“A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que nos dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas. Para isso, devemos ser capazes de imaginar e de acreditar na possibilidade de poder, de querer e ter, para desenvolver ou para adquirir, os saber-fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-nomear, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-projetar, saber-desejar etc., que são necessários às mudanças, ao desconhecido que vem ao nosso encontro assim que abandonamos o programa familiar, social e cultural previsto para a nossa história.”

É o projeto / processo de formação, operando no seu mais amplo sentido, onde o sujeito precisa colocar-se como mais ou menos ativo de sua vida, na sua vida, mesmo que saibamos que as mudanças estão longe de passar, unicamente, pelas escolhas voluntárias e /ou lógicas. (JOSSO, 2008). Uma relação da palavra formação com o tempo. Um tempo que, para os estudos e pesquisas que nosso grupo tem realizado encontra seu lugar, seu território, na memória. Formação que extrapola o tempo presente, já tendo sido experienciada no passado e através do trabalho da memória é reconstruída, inventada, ficcionada, esquecida.

O que está colocado nesse trabalho biográfico sobre as narrativas de vida, nesse conhecimento de si não está limitado a compreensão de como nos formamos e nos transformamos nos nossos trajetos de vida,

“através de um conjunto de vividos transformados em experiências, mas também tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados, mais ou menos ativos ou passivos segundo as circunstâncias, permite doravante visualizar

---

<sup>2</sup> Remeto a experiência de pesquisa-formação desenvolvida por Cristhianny Bento Barreiro na sua tese de doutorado intitulada “Pesquisa-Formação: a construção de si na escuta do outro”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

nosso itinerário de vida, nossos investimentos e nossos objetivos, com base na auto-orientação possível, numa invenção de si, que articula mais conscientemente nossas heranças, nossas experiências formadoras, nossas pertencas, nossas valorizações, nossos desejos e nosso imaginário às oportunidades sócio-culturais que saberemos apreender, criar e explorar, para que advenha um si que aprende a identificar e a combinar obrigações e margens de liberdade. Transformar nossa vida sócio-culturalmente programada em uma obra inédita a ser construída.” (JOSSO, 2008, p.21).

Como se apresenta na pesquisa em curso a questão do grupo como lugar e dispositivo de formação?

O território simbólico é também o “lócus” da imaginação criadora (Castoriadis, 1982). É nele que exercitamos linguagens, idéias, concepções do ponto de vista do que temos instituído e, principalmente, onde a fabricação de concepções instituintes que sirvam como dispositivos para a experiência de si e, também, para a proposição que fazemos aos outros, entendidos como as pessoas e as instituições que têm nos convidado para a produção de vivências, na perspectiva da formação continuada.

A construção do imaginário grupal passa por estas experimentações onde as pessoas se implicam, tentando produzir nos outros algumas experiências. É um espaço /tempo de formação coletiva e auto-formação singularizada em cada vida. A perspectiva que se coloca neste estar-junto grupal é de que a gente se conheça a partir “de como a gente se torna o que a gente é”.

Algumas considerações sem a pretensão de conclusões finais...

Realizar esta pesquisa nos proporcionou além de conhecer a história do grupo, perceber como este implica nas trajetórias de formação dos participantes e visualizar as relações interpessoais que se estabelecem interligadas às aprendizagens compartilhadas.

Resgatando a história do grupo através da memória de quem por ele passou, vimos imagens de experiências do passado, serem reconstruídas e reorganizadas à luz das experiências do presente (Oliveira, 2006). Nesta reconstrução, podemos perceber que os sujeitos participantes constroem o grupo – identificações e organização grupal – e nele se constroem – formação pessoal e profissional.

Através dos relatos, percebemos que as aprendizagens transcendem o que se chamaria de formação profissional alcançando o conceito de formação no sentido de desenvolvimento da pessoa adulta. Também é possível ler nestas representações alguns aspectos do imaginário construído por estes participantes: grupo-diversidade, grupo-afetivo, grupo-teórico, mostrando nestas representações aspectos instituintes sobre um grupo e como este pode se configurar dentro de um espaço acadêmico.

O GEPEIS caracteriza-se como grupo operativo, segundo a definição de Enrique J. Pichon-Rivière, por ser “um conjunto de pessoas com um objetivo comum”, que procuram abordar trabalhando em equipe. (BLEGER, 1998, p. 59). No caso do grupo pesquisado, ele é operativo centrado na aprendizagem.

A participação em um grupo de pesquisa pode se caracterizar como uma aprendizagem compartilhada, denominada segundo Isaia e Bolzan (2005, apud, ISAIA, 2008, p. 628):

“é uma rede de relações envolvendo professores e estudantes e que possibilite ação e reflexão conjuntas, bem como a negociação de conflitos e demandas específicas a cada um, de acordo com o seu processo formativo levando-os ao aprender a aprender conjunto”.

O GEPEIS como um grupo voltado à formação de professores implica nos processos formativos dos seus participantes, sendo estes, iniciados nos primeiros anos de escolarização e se perpetua ao longo da vida do professor. Portanto, percebemos que participar de um grupo proporciona aprendizagens que contribuem significativamente para a formação do profissional docente.

Até o momento, percebemos a importância do grupo como um dispositivo na formação de professores. Dispositivo entendido por nós como espaço que possibilita a experiência, mobilizadora de saberes, representações instituídas e outras formas criativas de pensar as relações e a formação de professores. O espaço grupal favorece a construção de um imaginário instituinte quando os valores são (re) significados e múltiplas aprendizagens são possibilitadas.

## Referências

ANZIEU, D. **El grupo y el inconsciente**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1978.

BARREIRO, Cristhianny Bento. **Pesquisa-Formação**: a construção de si na escuta do outro. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. (Tese de Doutorado)

BLEGER, José. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CASTILHO, Áurea. **A dinâmica do trabalho de grupo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 8ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me Agora!** As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista Educação USP*. V. 23, n.1-2, São Paulo, Jan./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. In: **EDUCAÇÃO UNISINOS**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, n.3, v. 12, p.182-186, set./ dez. 2008.

\_\_\_\_\_, Maria Isabel; ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. Professor da educação superior. In: MOROSINI, M.C. (Ed. Chefe). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. v. 2: Glossário. Brasília: INEP/MEC, 2006.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNÁNDEZ, Ana Maria. **O campo grupal**: notas para uma genealogia. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERREIRA, Nilda Tevês; EIZIRIK, Marisa Faermann. Educação e Imaginário Social: revendo a escola. In: **Em Aberto**. Brasília, n. 61, p. 5-14, jan./mar. 1994.

FERRY, Gilles. **Le Trajet de la Formation**: les enseignants entre la théorie et la pratique. Paris: L'Harmattan, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogía de la formación**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas Y Material Didactico, 2004.

ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. Aprendizagem docente: sua compreensão a partir das narrativas de professores. In: **Anais** do XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Porto Alegre, PUCRS, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MINAYO, M.C.S. et all. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. As Xícaras Amarelas: imaginários e memória de uma rede de pesquisa. In: PERES, Lúcia Maria Vaz (org.) **Imaginário**: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano. Pelotas: Editora e Gráfica / UFPel, 2004.

OSORIO, Luiz Carlos. **Psicologia grupal**: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PINTO, Maria das Graças Carvalho da Silva Medeiros Gonçalves. **A Prática do Professor de Educação Superior**: saberes e formação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. (Projeto de Tese)

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um Pouquinho**: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: Periódico: Proj. História (15). SP, abril, 1997.

SCHALLER, Jean-Jacques. Lugares aprendentes e inteligência coletiva: rumo à constituição de um mundo comum. In: PASSEGGUI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (orgs.) **(Auto)Biografia**: formação, territórios e saberes. Natal, R.N.: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

SOUTO, M., BARBIER, J.M. y otros. **Grupos y dispositivos de formación.** Col. Formación de Formadores. No. 10. Buenos Aires. UBA-Novedades Educativas, 1999.

SOUTO, Marta. **Grupos y dispositivos de formación.** Facultad de Filosofía y Letras. UBA. Novedades Educativas, 1999.

\_\_\_\_. **El carácter de “artificio” Del dispositivo pedagógico en la formación para el trabajo.** Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 2007a.

\_\_\_\_. **Repensando la formación:** cuestionamientos y elaboraciones. 2007b. (texto digitado– Aceptado para publicar en la Revista N. 1.de Educación de Palermo)